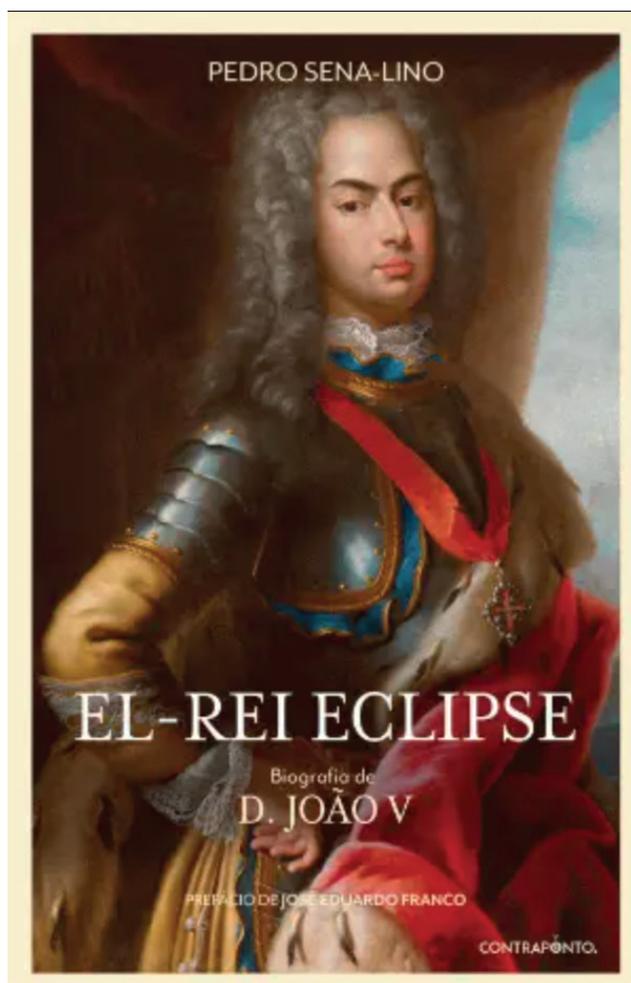


**Sena-Lino, P. (2024). *El-Rei Eclipse: Uma biografia de D. João V*.  
Contraponto. Lisboa. 704 pp.**

JOSÉ EDUARDO FRANCO<sup>1</sup>



Estamos diante de um livro fascinante, que nos conduz às entranhas do reinado mais espetacular da história da monarquia portuguesa. D. João V, o Magnânimo, e o seu longo reinado são retratados, nesta novíssima biografia, de modo surpreendente, a partir de um exímio escrutínio do seu jogo de luzes e sombras, nem sempre fáceis de distinguir, que se esconde, numa primeira visão simplificada, sob a «política solar» de quem se quis medir pelo Rei Sol francês, Luís XIV. Este é um exercício de construção biográfica que pretende inverter a forma de olhar D. João V, que se tornou dominante, como o Rei Sol português. Afinal, aqui iremos observar um rei solar que promoveu eclipses, que experimentou eclipses durante o seu reinado, período cujo zénite redundou, nos últimos anos,

==

<sup>1</sup> Cátedra UNESCO/CIPSH de Estudos Globais; Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Portugal.  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5315-1182>.

num enorme eclipse da liderança de Portugal, que gritava por reformas urgentes.

Pedro Sena-Lino, com mais este estudo biográfico sobre uma figura complexa da nossa história, afirma-se como um mestre arguto da construção de um saber histórico profundo e abrangente em torno de períodos governativos relevantes para compreender o nosso passado, com efeitos no presente. Já o tinha feito, com grande sucesso, para o caso de Pombal. Agora abalança-se a penetrar no universo de outra personalidade imensa, da primeira metade do Século das Luzes: o rei (e a sua *entourage*) que assumiu a direção, durante quase meio século, dos destinos de Portugal.

Podemos constatar um método distintivo de Pedro Sena-Lino na tessitura do seu trabalho biográfico, que assenta num imenso levantamento, exaustivo, de fontes históricas primárias. A partir deste trabalho, verdadeiramente hercúleo, de estudo dos documentos da época, o historiador recorta e compõe um *puzzle* bem arquitetado, em modo de janelas, que nos transportam a diferentes cenários e dimensões, onde ações e estados psicológicos se dão a ver.

Nesta detalhada biografia, pela mão de Pedro Sena-Lino, somos conduzidos tanto aos aposentos do rei e da rainha como às salas de audiências políticas, tanto aos gabinetes das secretas negociações diplomáticas como aos caminhos de longas e perigosas viagens, tanto aos espaços de conversas sobre amores e de-

samores como ao rol das contas das receitas e das despesas quotidianas, tanto aos campos das caçadas reais como ao interior das igrejas e ao esplendor da liturgia religiosa, tanto à esquina da pequena intriga de corte como à descrição de batalhas. Um caleidoscópio de quadros vivos, que nos são dados a contemplar de forma impressionante e expressiva, dando voz às fontes daquela época, sem deixar de recorrer, para fundamentar o exercício hermenêutico do que é dado a ver, aos estudos dos especialistas mais credenciados, a fim de iluminar, de modo mais cabal, a sua proposta de interpretação.

É uma arte rara a que Pedro Sena-Lino cultiva. A de fazer as fontes falarem nesta composição extraordinária, patente no recorte, na disposição e na sequência, já de si interpretativa, que faz dos textos históricos e da sua hermenêutica discreta, mas incisiva, que complexifica um conhecimento oferecido por camadas de atos e vivências muito impressionantes.

Pedro Sena-Lino realiza plenamente, com este imenso trabalho, o que Jorge Borges de Macedo entendia ser o ideário do historiador, em ordem a cumprir uma das funções relevantes do conhecimento histórico, que é «esse conhecimento das sociedades vivas» (Macedo, 1983: 16), tendo em conta que

a História projeta na consciência do homem a dimensão da anterioridade, da sequência, a necessidade de considerar outras situações da comunidade, além daquela que se vive no

tempo em que estamos. A função da História é alargar o campo da consciência, demonstrando a necessidade criadora de dar amplitude à experiência humana suscetível de ser conhecida. A História é o prolongamento indispensável para a compreensão do homem. (Macedo, 1996: 11)

Pedro Sena-Lino tece com a sua pena fina, ao modo de Penélope, um complexo palimpsesto textual, que nos permite a imersão na vida multiforme da primeira metade do século XVIII, nos seus diferentes níveis sociais, ambientes de vida e interesses, estados de alma e expectativas, grandes ou modestas. Traça o perfil de um rei que nunca foi fácil avaliar. Um rei que padecia do que podemos chamar complexo davídico (tendo por referência o bíblico rei David), muito dado a extremos, cedendo às paixões mais intempestivas, mas também, como David, procurando redimir-se com ascetes e piedades abnegadas.

Nos cenários que Pedro Sena-Lino nos leva a visitar deste período do apogeu do Barroco, mas já também de manifesta inclinação para o seu crepúsculo, é descrito com mestria este tempo de excessos e de extremos: excesso de luxo e extremo em despojamento, excesso de paixões carnis e extremo em penitências humilíssimas, excesso de orgulho e soberba e extremo em delicadeza e cortesia, excesso de riqueza assente em toneladas de ouro e diamantes e extremo em generosidade e partilha, excesso de vaidades e grandezas e extremo em pobreza e miséria, excesso de vida exube-

rante e extremo em medo da morte, excesso de arte e arquitetura sagrada e extremo em despojamento religioso, excesso de imoralidade e extremo em percursos ascéticos de autenticidade, excesso de vida mundana e extremo em desejos de vida eterna. Tudo isto o perfil do rei D. João V encarnou, como símbolo de uma época que atingiu o seu auge e, ao mesmo tempo, o momento de inclinação para o fim de um paradigma cultural e mental.

A biografia de Pedro Sena-Lino revela-nos muitos aspetos que podem parecer-nos, hoje, bizarros e grotescos, típicos da sociedade de corte, tão bem estudados por Norbert Elias, que nos fazem pensar:

Hoje, somos tentados a perguntar: porque é que estes homens da época do absolutismo se preocupavam tanto com as aparências, porque é que eram tão sensíveis à «falta de maneiras» dos outros, à mais pequena violação ou o pôr em causa um privilégio puramente formal e, de um modo mais geral, a tudo o que hoje consideramos como ninharias? Mas nestes casos o rótulo das «aparências» e das «ninharias», aplicado àquilo que o homem da corte considerava essencial, tem a marca de certas estruturas específicas da existência social. (Elias, 1974: 83)

Pedro Sena-Lino apresenta-nos uma história de um rei e de um reino com muitas pequenas histórias lá dentro, em que, não poucas vezes, a pequena história explica a grande história, conjugando as visões micro- com as perspectivas da macro-história.

Há uma característica que singulariza superiormente a escrita biográfica sobre grandes personalidades da nossa história, no olhar sagaz, de precisão cirúrgica, de Sena-Lino: o dar a entrever a filigrana das relações pessoais na sua dimensão psicológica e sociopsicológica. Pedro Sena-Lino é um leitor de almas. Desbrava, como poucos, os recantos mais fundos do espírito humano. Esses recantos obscuros são iluminados com lapidares pinceladas hermenêuticas escritas com mestria literária.

Nesta imensa biografia, são-nos apresentadas, pois, as visões contrastantes da complexidade daquele tempo histórico, evitando qualquer cedência a narrativas simplificadas e, menos ainda, simplistas. Aqui, é-nos dada a observar a grande vida do Rei Sol português, ensombrada pela pequena história dos boatos, das intrigas de corte, das doenças e do seu medo, das superstições, dos amos e conflitos decorrentes das precedências das hierarquias típicas da cultura de corte, dos amores, dos desamores, das paixões flutuantes, das alianças e das traições, do desejo de grandeza e das estratégias para alcançar engrandecimento, das escolhas para cargos e dos seus dúbios critérios, das honras e das honrarias, dos costumes e do peso da tradição, dos desportos de eleição da sociedade ibérica do Antigo Regime (caçadas e toureadas), dos liames dos negócios matrimoniais e do casamento como contrato puro e duro, dos conventos como escape, refúgio de vidas alternativas e duplas, do sexo desenfreado e das penitências rigorosas, do papel da magia,

da feitiçaria, dos feitiços e dos enganos, dos ladrões e das repressões, dos espões e aldrabões, dos castigos divinos e dos arrependimentos humanos, das obras públicas e dos seus projetos arquitetónicos denunciando as intromissões régias no processo, da moda das academias, do cultivo da historiografia, da arte, da música e da poesia, do gosto pelo exótico e da promoção de indústrias inusitadas, como a fábrica da neve e a indústria da seda, dos impostos excessivos e das revoltas populares, dos salários em atraso, da Inquisição, das perseguições, das fugas, da justiça régia e das punições públicas, da curiosidade e, ao mesmo tempo, do receio das inovações, como o caso emblemático do chamado Padre Voador, Bartolomeu de Gusmão, que construiu a pioneira passarola...

Tudo isto e muito mais é dado a ler e a ver ao leitor, nesta obra de Pedro Sena-Lino, que nos apresenta um verdadeiro espetáculo histórico feito de muitas luzes e de muitas sombras contrastantes, as quais, por sua vez, são iluminadas pelo desvelar de lados escondidos e desconhecidos, fazendo as fontes da época falarem.

### **Bibliografia**

Elias, N. (1974). *La société de cour*. Calmann-Lévy. Paris;

Macedo, J. B. de (1983). *Dialéctica da sociedade portuguesa no tempo de Pombal*. Em: *Como interpretar Pombal*. Edições Brotéria. Lisboa/Porto;

Macedo, J. B. (1996). *A sociedade no tempo de Camões*. *Clio*, nova série, 1: 9-14.